

# O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE LISBOA NO IMAGINÁRIO DOS IMIGRANTES BRASILEIROS: FATORES EXPLICATIVOS

Suelda de Albuquerque Ferreira  
Universidade de Lisboa (UL)  
sueldaalbuquerque@hotmail.com

Manuela Rau de Almeida Callou  
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)  
manu.callou30@gmail.com

## RESUMO

Este resumo tem a intenção de compreender como ocorre a construção do espaço de Lisboa e dos portugueses no momento que antecede à imigração e após a chegada dos brasileiros à cidade mencionada é o principal objetivo deste artigo. A importância desse tema de estudo se justifica pela necessidade do conhecimento da construção do imaginário da cidade antes e depois da ocupação dos imigrantes, e em como isso reflete no sentimento dos brasileiros. Pelas características do objeto, o estudo é bibliográfico e documental, no que concerne às discussões teóricas da literatura acadêmica e as concepções construídas pela vivência do pesquisador em campo. Também realizamos uma pesquisa de campo, no qual entrevistamos 25 imigrantes, para estudar a concepção da imagem adquirida e construída ao espaço lisboeta.

**Palavras-chaves:** Imaginário brasileiro; portugueses; espaço lisboeta.

## IMAGINÁRIO DE PORTUGAL, DOS PORTUGUESES E DO ESPAÇO LISBOETA NO MOMENTO ANTERIOR À IMIGRAÇÃO/ À CHEGADA A LISBOA

Entender como é construído o imaginário da cidade de Lisboa e dos portugueses, pelos brasileiros, significa também compreender a sociedade, a partir das relações entre os sujeitos e também das relações que estes mantêm com o meio. Por esta razão “a vida social é impossível fora de uma rede, simbólica” (TRINDADE; LAPLATINE, 1977, p. 21). É por meio desta rede que aparece o imaginário tido como mobilizador e evocador das imagens, que utiliza o simbólico para expressar-se e existir, levando-o assim a subentender a sua capacidade imaginária.

O imaginário não se reduz à ideia de representação, pois "embora ocupando apenas uma fração do território da representação, vai mais além dele. A fantasia - no sentido próprio da palavra - arrasta o imaginário para lá da representação, que é apenas intelectual". Dessa maneira, o imaginário é a forma como as ideias e representações são traduzidas em imagens (LE GOFF, 1994). As imagens não são apenas acontecimentos objetivos, que estimulam a imaginação, são também estímulos que vão além do que a visão pode mentalmente apreender. Conforme argumenta Ferrara (2000), o imaginário da cidade entende uma conexão de imagens, ou seja, todas as interpretações da cidade compõem a uniformidade imagem/ imaginário.

Assim, para que o imigrante brasileiro construa o espaço lisboeta imaginado no momento anterior à viagem, terá que ter o suporte desse imaginário (como evocador e mobilizador das imagens). Isso resulta da informação proveniente dos meios de comunicação, transportada por amigos e familiares, eventualmente veiculada pelo cinema e pela literatura, que vai ser sucessivamente processada e reprocessada até se transformar no espaço imaginado, anterior ao início da deslocação. Essa realidade imaginada vai ser compreendida e compartilhada por cada um destes sujeitos e pelo próprio grupo, atribuindo significados. Como afirma Teves (1999, p. 14) "é o olhar e não o olho que informa a existência mundana das coisas".

É por meio do imaginário que se pode atingir desejos, esperanças, aspirações... É também através do imaginário que o imigrante organiza seu passado, presente e futuro. O imaginário é expressado por ideias, símbolos e imagens, saindo do presente. Busca explorar possibilidades virtualmente concretizáveis, com o intuito de chegar a uma satisfação que não foi ainda encontrada, mas que deve ser realizada.

## **A "POSIÇÃO" DE LISBOA NO CONTEXTO DO IMAGINÁRIO BRASILEIRO RELATIVO A PORTUGAL E AOS PORTUGUESES**

Segundo Morin e Kern (1995, p. 144) "para chegar à compreensão é necessário um reconhecimento empático/simpático das atitudes, sentimentos, intenções, motivos do outro". Ele afirma ainda que é difícil se chegar a essa compreensão, porque tanto a empatia como a simpatia contempla uma projeção (de si no outro) e uma identificação (do outro em si).

Mesmo que a relação de empatia seja difícil de acontecer no contexto do imaginário brasileiro em relação a Portugal e aos portugueses, porque não houve uma relação mais "próxima", mesmo assim, em muitos momentos, esta relação pode ser estabelecida quando o imigrante brasileiro toma Lisboa como o espaço possível para esta vivência no seu imaginário, com o sentimento empático/simpático em relação ao lugar, firmando seu desejo de parceria, afetividade e respeito. Isso conduz à construção e reconstrução de novos olhares, em relação à Portugal e aos portugueses,

justificando também novas formas de relacionamento que vão sugerindo pensamentos em singular proximidade - em termos de ligações dos brasileiros com Portugal e em relação aos portugueses. Progressivamente, esse aparente “grau de parentesco” vai aproximando os dois países, levando a uma identificação crescente, à medida que se aproxima o momento da partida.

O conceito de “país irmão” contempla a ideia de uma posição estável, mas com um nível de distanciamento e rivalidade entre os dois países, desgastando, assim, a imagem de Portugal e, também, dos portugueses. Embora Portugal seja a referência central neste imaginário prévio à viagem dos brasileiros, o espaço lisboeta é utilizado pelos imaginários brasileiros como o local onde se vai desenrolar essa vivência boa e adequada entre eles.

De fato, o imigrante, ao fazer uso do espaço urbano, busca localizar-se, estabelecer pontos de referência e assim criar formas de sobrevivência, procurando usufruir desse espaço, compreendê-lo e, principalmente, senti-lo. Este imaginário de aproximação que se foi fortalecendo até ao momento prévio à partida vai ser colocado à prova no momento de chegada, quando ocorrem os primeiros contatos com Portugal e os portugueses. Nessa fase, emerge um quadro de “estranhamento”, algo inesperado, que parece afastar os brasileiros dos portugueses. Alguns entrevistados mostram, nas suas falas, esse “estranhamento”:

A realidade é totalmente diferente. As pessoas não são receptivas como eu imaginava... Por falar o mesmo idioma. Por Portugal e o Brasil serem considerados países irmãos... Pensamos que vamos ser bem recebidos, infelizmente isto não aconteceu! (V, 33 anos, há 1 ano em Cascais) No Brasil temos uma noção um pouco errada disto tudo aqui. Quando falamos de Europa no Brasil temos a noção de ‘glamour...’ Que as coisas são mais facilitadas... Daí chegando aqui, nós nos deparamos com outra realidade... com uma cultura bastante diferente, apesar de nós falarmos a mesma língua (Portugal - Brasil), mas é uma cultura muito diferente...O choque no começo é grande (F, 40 anos, há 3 anos no Estoril)

Em terras estrangeiras, os brasileiros confrontam-se com seus estereótipos e com as suas representações referentes aos portugueses e a Portugal, que são acompanhadas no seu imaginário, pela ideia de que os portugueses foram “os colonizadores” do Brasil. Embora a história ajude a fomentar a ideia de que os dois países, Brasil e Portugal, estão muito ligados, origina também muitas diferenças e tensões. Portanto, as representações mudam no espaço e no tempo, acabando por se acentuar os estereótipos e as “tradições”, na fase inicial de contato, quando o “estranhamento” se acentua e o outro “português” aparece como menos próximo e acolhedor do que se esperava à partida do Brasil.

Neste quadro, ideias de desconfiança ganham relevância, emergindo no senso comum dos brasileiros ideias negativas em relação aos portugueses e a Portugal. Frequentemente, queixam-se da forma rude e grosseira dos portugueses, que para os brasileiros, os portugueses são invejosos e ainda discriminam os imigrantes:

Eu gosto de muitas coisas... Algumas pessoas são boas, outras não, como algumas são frias, outras não, como são brutas... Estranho a forma que somos atendidos...

Somos muito mal tratados. Acho que por sermos brasileiros! (M, 40 anos, há 3 anos em Cascais). Na verdade eu não tinha uma imagem de Lisboa. Porque não tinha contato com as pessoas daqui. Tinha noção que era antiga, que as pessoas eram um bocado fechadas...que nos tratavam mal. Era esta a realidade que passava para nós! (V, 26 anos, há 2 anos na Costa da Caparica).

Assim, além dos mitos e imagens, os brasileiros vão construir representações sociais em relação a Portugal e aos portugueses. Quando os grupos se relacionam por meio de estereótipos, quando não se conhecem efetivamente, quando os relacionamentos são formados sob olhares preconceituosos, tende a gerar-se um distanciamento e mesmo uma antipatia, no imaginário brasileiro, em relação às pessoas, à Portugal e à própria cidade de Lisboa enquanto lugar de destino.

E poderíamos afirmar que Lisboa é um lugar de imigrantes. Lisboa é considerada uma cidade multicultural, onde se encontram diferentes grupos étnicos que lhe dão conteúdo e formam seu cenário (ucranianos, cidadãos do Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa - PALOP), brasileiros e tantos outros grupos), cada um com seus comportamentos característicos, muitas vezes reconstruções dos elementos culturais das suas respectivas origens. Incluem-se aqui muitos restaurantes típicos, lojas de roupa e produtos derivados, festas e músicas variadas que representam a cultura deles. Além de uma diversidade de línguas e pessoas diferentes no cotidiano, nas relações que ocorrem no espaço doméstico e de trabalho. Desta maneira no dia a dia nas ruas de Lisboa é possível identificar o idêntico e estranhar o diferente, ter o sentimento de estar em “sua” casa ou sentir-se em outro lugar. Lisboa torna-se um local de atração para os imigrantes que desejam recomeçar a vida, sendo essencialmente vista como o espaço que vai permitir a concretização dos sonhos através do exercício da atividade profissional.

A decisão de emigrar, associada à possibilidade de “ter uma vida melhor”, está sempre ancorada em ideias positivas que são construídas sobre o lugar de destino. Lisboa aparece assim como um espaço de oportunidade, de concretização de desejos, muito dependente das possibilidades de trabalho e daquilo que estas permitem em termos de juntar uma considerável quantia de dinheiro e satisfação de necessidades de consumo. Os entrevistados reafirmam essa situação:

Vim para cá com a ilusão de uma vida melhor...em ter algum dinheiro para poder voltar e ter uma vida melhor no Brasil (V, 26 anos, há 2 anos na Costa da Caparica) Vim para cá para ter um futuro melhor...basicamente, porque isto tudo é pelo dinheiro. Muita gente lá pensa que “chove dinheiro”, que “dá em árvore”, na realidade não é isso, porque quando você chega aqui se depara com a realidade atual, que não é fácil... é terrível...aqui é muito trabalho! (P, 20 anos, há 8 meses em Lisboa)

Assim, a razão pela qual se deixa o espaço conhecido, onde se circulava cotidianamente, que fazia parte da história de cada indivíduo, prende-se com a busca de oportunidades, de melhores condições de trabalho e de qualidade de vida. A aceitação do novo espaço, a cidade de destino, depende

de como são os sonhos e os desejos, da forma como as expectativas são organizadas e, também, das disponibilidades para reelaborá-las e para aceitar o novo espaço e as suas características.

Santos (apud RAMOS, 2003, p. 27) parece reforçar essa ideia, ao argumentar que o imigrante se envolve com a nova cultura, adquirindo também novas particularidades, que acabam por reconstruir esse imaginário antes de se estabelecer em Portugal e depois da permanência no país:

O próprio mundo se instala nos lugares, sobretudo nas grandes cidades, pela presença maciça da humanidade misturada, vinda de todos os quadrantes e trazendo consigo interpretações variadas e múltiplas, que ao mesmo tempo se chocam e colaboram na produção renovada do entendimento e da crítica da existência. Assim, o quotidiano de cada um se enriquece pela experiência própria e pela do vizinho, tanto pelas realizações atuais como pelas perspectivas de futuro (SANTOS, 2000, p. 172).

Ao buscar uma nova vida em um outro país e se estabelecer nesse espaço, um outro fator também influi com relação à permanência do imigrante: o quanto ele, em muitos momentos, é considerado um estrangeiro e um estranho no próprio espaço que lhe começa a pertencer. Independentemente da sua raça, cor, idade, aparência física, sexo ou sua condição socioeconómica, essa situação parece acontecer.

## IMAGENS PRÉVIAS DE LISBOA: TIPOS E QUALIFICAÇÕES

A geografia das representações reconhece que o espaço não é um dado independente dos atores que o praticam (BAILLY, A. 1993, p. 866), isto é, não existe um espaço objetivo. Dessa forma, a imagem tem um carácter construído, criativo e independente em parte resultante de um processo de reconstrução, e noutra parte de um processo de interpretação do objeto, que assume uma expressão individual. Dessa forma, no processo de concepção de imagens, as cidades atuam como sujeito e também como objeto.

Uma imagem é um conjunto de representações mentais, individuais, subjetivas, seletivas e restringidas. A imagem pode ser externa, e por outro lado interna. Segundo Newman (1995, p. 390), a imagem externa surge como “uma projeção exterior das partes elegidas de uma personalidade ou objeto, uma abstração incorpórea como plano, uma fotografia ou um fragmento de vídeo”. Já a imagem interna “é a que utiliza a mente para organizar o seu pensamento. É o que vê o olho mental” (NEWMAN, 1995, p. 390). Quanto mais se reforçar mutuamente o jogo entre as imagens interna e externa, maior será a imagem mental.

Podemos identificar dois tipos de imagens prévias, após entrevistas a brasileiros na Área Metropolitana de Lisboa (AML) que podem ser aplicadas à cidade segundo:

- a) **A imagem adquirida:** (subjetiva) – a forma como é percebida a cidade;
- b) **A imagem que se deseja** – modo como se gostaria que a cidade fosse.

A cidade é mais do que o espaço, é o suporte variado de imagens. A cidade é matéria, forma, ação, interpretações, componente do imaginário e do vivido (CIDRAIS, 2000). São múltiplas imagens emitidas e repetidas que compõem a imagem de conjunto de uma cidade. Intervêm crenças, ideias, percepções distintas que proporcionam às pessoas diferentes leituras da cidade, e não uma imagem global única e comum a todos. Não faz parte de um processo racionalizado, mas sim intuitivo e de simplificação cognitiva.

O quadro 1 abaixo sintetiza o binómio imagem adquirida e imagem desejada, no momento da partida, relacionada à imagem de Lisboa pelos brasileiros:

Quadro 1: Imagens prévias de Lisboa (no momento de partida)

<b>Imagem adquirida</b>	<b>Imagem desejada</b>
Lugar antigo, histórico	Cidade grande, desenvolvida, de 1º mundo
1º Mundo, onde tudo é limpo e organizado	Cidade para construir um futuro melhor, prosperar, maiores oportunidades para progredir
	Cidade com pessoas educadas, simpáticas, calor humano

Fonte: Elaboração própria com base nas entrevistas realizadas.

No que diz respeito às imagens adquiridas, a representação de Lisboa parece ser parcial, fragmentada, resultante das diferentes percepções que os brasileiros fazem de aspetos diversos da cidade antes da deslocação, a partir de imagens transmitidas por terceiros, por livros, pela Internet, pelos meios de comunicação, entre outros.

Nesse sentido, Peixoto (2000, p. 102) acrescenta que “as imagens são uma simplificação de um vasto número de associações e de fragmentos de informações ligados ao lugar”. Assim, as imagens prévias de Lisboa construídas pelos brasileiros no momento de partida (ainda no Brasil) fazem referência à maneira como Lisboa é percebida à distância por eles, de formas variadas, evidenciadas no discurso dos entrevistados. A imagem adquirida menciona nitidamente a forma da cidade percebida, como a imagem que se deseja da cidade:

Antes de vir para cá eu pensava que era uma cidade com seu lado antigo... mas algumas coisas são modernas... (A, 26 anos, há 11 meses no Estoril). O que eu achava de Portugal e Lisboa...era o que via nos cartões postais, tv... eu achava que era um país de primeiro mundo, que era tudo limpo e organizado. (P, há 7 meses na Ericeira)

É notório, através do relato dos entrevistados, a percepção que se tem de Lisboa. Essa cidade, à distância, é essencialmente antiga, o que leva para um processo de construção associada ao passado histórico de Portugal e de Lisboa. Além disso, os discursos populares, a escola e os meios de comunicação são fontes importantes de informação, que vão servir de referências a posteriori. Quando os imigrantes chegam à Lisboa, se deparam com um contexto diferente: as imagens sofrem mudanças

no sentido da modernidade, contrastando com a imagem adquirida que tinham no momento anterior à partida. Lisboa, ao ser referenciada como capital de Portugal, país considerado primeiro mundo, remete a ideia concebida de cidade bem desenvolvida, organizada, limpa. Essas informações, transmitidas pelos meios de comunicação, contribuem para a construção tanto da imagem adquirida quanto da imagem desejada, ou seja, a cidade percebida e a cidade que se deseja.

Mas a cidade é um cenário, é um lugar que também sustenta sentimentos e expressões do seu povo. Por esta razão, a imagem construída da cidade que se deseja ganha “existência”. A imagem organiza a cidade a partir da maneira como ela é desejada e quer ser conhecida (porque é o local onde se vai viver). Efetivamente, a imagem adquirida será o conjunto de mensagens do lugar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A imigração mexe com os sentidos e com a vida das pessoas. Os brasileiros, ao conhecerem a cidade de Lisboa, em Portugal, chegam com uma imagem adquirida, a partir dos meios de comunicação, que divulgam os costumes e as belezas históricas do espaço lisboeta.

A imagem adquirida contempla aspectos da cidade de Lisboa como sendo um espaço histórico, antigo, enquanto que a imagem desejada faz referência à cidade como sendo desenvolvida, limpa e organizada. Nessa concepção, os portugueses também tem uma imagem de educados e simpáticos. No entanto, essa imagem adquirida e desejada não resulta na realidade vivenciada pelos imigrantes brasileiros, que eles sonhavam em encontrar.

O preconceito, os problemas com a linguagem, a forma mais direta de se comunicarem é entendida, pelos entrevistados, como grosseira, além de não serem solidários no quesito de referências de emprego, sendo também compreendidos como mal-educados. A pesquisa revela que essas situações corroboram com a imagem que é construída da cidade e dos portugueses pelo imigrantes brasileiros.

Um outro aspecto bastante citado pelos entrevistados é o sentimento de serem “estranhos” na cidade que escolheram viver, porque independente da classe social, raça, cor, idade, aparência física e sexo, os brasileiros entrevistados não se sentem “em casa”: são estrangeiros que vivem no espaço lisboeta, além de se sentirem “discriminados”.

Assim, consideramos que a pesquisa alcançou os seus objetivos, já que compreendemos como ocorre a construção de Lisboa e dos portugueses no momento que antecede à imigração e após a chegada dos brasileiros à cidade mencionada. A ideia é contemplar outros estudos posteriores, observando o outro lado da realidade, o dos brasileiros que estão estudando ou os que são empresários, e contrastar a construção desse imaginário.

## REFERÊNCIAS

- BAILLY, A. **Les representation urbains: l'imaginaire au service du Marketing urabaine.** *Revue de Économie Régional et Urbaine*, Université Genève, n° 5, p. 823-886, 1993.
- CIDRAIS, A. *O marketing territorial aplicado às cidades médias portuguesas: o caso de Évora e Portalegre.* Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Lisboa. 2000.
- FERRARA, L. **Os Significados Urbanos.** São Paulo: Edusp, 2000.
- LE GOFF, J. *O imaginário medieval.* Lisboa: Estampa, 1994.
- MORIN, E.; KERN, A.B. *Terra pátria.* 2 ed, Porto Alegre: Sulina, 1995.
- NEWMAN, M. **La imagen y la ciudad, in Ciudad y Territorio.** *Estudios territoriales*, vol. III, n° 104, p. 390. Ministério de Obras Públicas, Transportes y Medio Ambiente, 1995.
- PEIXOTO, P. A mobilidade internacional dos quadros: **migrações internacionais, quadros e empresas transnacionais em Portugal.** Oeiras, Celta: Editora, 2000.
- RAMOS, S. Hospitalidade e migrações internacionais: **o bem receber e o ser bem recebido.** Aleph, São Paulo, 2003.
- SANTOS, M. **Capítulo de “Por uma outra globalização” Fórum Social Mundial. Biblioteca das alternativas.** Editora Record, p. 172. São Paulo, 2000.
- TEVES, N. O imaginário na configuração da realidade social. In: Teves, N. (org.) *Imaginário e educação.* Rio de Janeiro: Gryphus 1999.
- TRINDADE, L.S; LAPLANTINE, F. *O que é imaginário?* São Paulo: Brasiliense. Coleção primeiros passos, n. 309, 1977.